

Reflexões sobre o ensino da leitura

Joselito Santos^{1*}

Jucirleia Ferreira de Medeiros^{2*}

Tatiana Cristina Vasconcelos^{3*}

Rosimere Bandeira Diniz^{4*}

Maria Rodrigues de Sousa^{5*}

RESUMO: A leitura deve ser compreendida como uma das habilidades centrais para o desenvolvimento do aprendente e de sua inclusão no universo interpretativo do mundo, sendo o professor o mediador para que ele a desenvolva como estratégia de aprendizado e autonomia. Neste sentido, o objetivo do trabalho é refletir sobre a leitura como estratégia de desenvolvimento do aluno no âmbito da escola e na contextualização do mundo que o envolve, de modo a nele ser incluído, como sujeito autônomo e livre. Para tanto, adotou-se um trabalho de cunho teórico e reflexivo a partir da experiência docente, buscando problematizar a leitura como entidade formadora de sujeitos críticos a partir da escola. Adotou-se uma concepção de leitura enquanto processo histórico-social que não se esgota no contexto escolar e que desempenha papel decisivo na formação do sujeito, possibilitando-lhe melhor compreender e transformar o mundo, ressaltando a importância da mediação do professor no contexto escolar e de inclusão do aluno no mundo através da leitura.

Palavras-chave: Escola. Professor. Leitura.

ABSTRACT: Reading should be understood as one of the central skills for student development and its inclusion in the world's interpretive universe, with the teacher being the mediator to develop it as a learning strategy and autonomy. In this sense, the objective of this work is to reflect on reading as a student development strategy within the school context and on the contextualization of the world that surrounds it, in order to be included in it, as an autonomous and free subject. For that, a theoretical and reflexive work was adopted from the teaching experience, seeking to problematize reading as an entity that forms critical subjects from the school. A conception of reading was adopted as a historical-social process that is not exhausted in the school context and plays a decisive role in the formation of the subject, enabling him to better understand and transform the world, emphasizing the importance of teacher mediation in the school context and Of student inclusion in the world through reading.

¹ Professor. Doutor em Ciências Sociais. Curso de Psicologia. Faculdades Integradas de Patos. E-mail: jslito2012@gmail.com

² Professora. Mestranda em Educação (UEPB). Curso de Psicologia. Faculdades Integradas de Patos. E-mail: jucirleia@gmail.com

³ Professora. Doutora em Educação (UERJ). Curso de Psicologia. Faculdades Integradas de Patos. E-mail: vasconcelostc@yahoo.com

⁴ Professora. Licenciada em Letras (UVA). Escola Municipal João Pinto da Silva, Barra de São Miguel - PB. E-mail: rbandeiradiniz@gmail.com

⁵ Professora. Doutora em Sociologia (UFCG). Faculdades Integradas de Patos. E-mail: mrodrigues333@yahoo.com.br

Keywords: School. Teacher. Reading.

Introdução

O aprendizado da leitura é um dos muitos desafios da educação, não somente como elemento de uma técnica, mas de uma abordagem inclusiva, não obstante exercida pela crítica e pela autonomia. Embora o tema seja constantemente foco de estudos e discussões, o desenvolvimento da leitura no ambiente escolar e a formação de sujeitos leitores críticos e reflexivos continua representando um desafio para a sociedade como um todo. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa a refletir sobre a leitura como estratégia de desenvolvimento do aluno no âmbito da escola e na contextualização do mundo que o envolve, de modo a nele ser incluído, como sujeito autônomo e livre.

Defendemos que a leitura deve ser entendida não apenas como um ato mecânico de identificar as palavras, mas de fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar. O conceito de leitura vem sendo trabalhado e discutido há muitos anos, porém ainda hoje é notável a dificuldade de muitos em definir e, o mais importante, compreender o seu significado no processo de ensino e aprendizagem, isto porque o conceito de leitura é bastante complexo. Para os professores é de suma importância a compreensão do conceito de leitura, uma vez que ela é elemento chave no processo de ensino, não apenas da Língua Portuguesa, mas sim de todas as disciplinas que compõem o currículo dos estudantes.

Considera-se que a escola dá continuidade às experiências já vividas pelo aluno, em casa, na família e nas relações sociais. Todavia, como a leitura não tem um uso meramente escolar, o processo de ensino-aprendizagem deve ser trabalhado pelas instituições educativas de modo contextualizado e ampliado, de modo que ela possa se comunicar com o mundo exterior.

De acordo com Snow (2002), três elementos estão envolvidos no processo de compreensão da leitura: o leitor, o texto e a atividade. A palavra leitor está associada à pessoa que está a realizar o processo de compreensão a qual se associam capacidades, habilidades, conhecimentos e experiências que o leitor traz na sua bagagem para o ato de ler. Ainda o mesmo autor define o texto como sendo aquele que está a ser compreendido e refere-se a todos os textos impressos ou eletrônicos, como o produto sobre o qual recai a ação. E, por fim, temos a atividade que tem a ver com os objetivos, as estratégias e metodologias utilizadas no ato de ler. Estas três componentes do processo de compreensão da leitura encontram-se inseridos num vasto contexto sociocultural, interagindo entre si.

Leitor é, portanto, aquele que constrói os sentidos. Sob essa ótica, o objetivo principal da escola deve ser a formação do leitor crítico. Esse objetivo só se alcança criando condições para que ele, por meio da reflexão sobre o funcionamento da língua nos textos, seja capaz de desenvolver sua competência discursiva, de forma que interaja em diferentes situações. A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos.

Daí a necessidade de que sejam repensadas as contribuições da instituição escolar para a formação de leitores críticos e reflexivos, abordando, para isso, um confronto entre a forma como a leitura é trabalhada numa perspectiva tradicional de ensino e o modo como é encarada e vivenciada quando se tem mais liberdade, contextualização e significação no processo de aprendizagem, numa perspectiva de inclusão interpretativa do mundo.

Metodologia

Trata-se de um trabalho de cunho teórico e reflexivo, com base na experiência docente, que visa a problematizar a leitura como entidade formadora de sujeitos críticos a partir da escola, sobretudo focada no compromisso do professor com o aluno, a partir de uma matriz problematizadora e includente, tendo no professor o expoente para construção da autonomia e independência do aluno. Compreende-se que a escola e a leitura integram os processos sociais e históricos, cuja consecução producente, imaginação criativa, condição intelectual e reflexiva dependem da interação entre diversos agentes, políticas e atividades que integram a escola e devem, em última instância, conduzir os sujeitos a uma verdadeira inclusão no mundo.

Adotou-se uma concepção de leitura enquanto processo histórico-social que não se esgota no contexto escolar e que desempenha papel decisivo na formação do sujeito, possibilitando-lhe melhor compreender e transformar o mundo, ressaltando a importância da mediação do professor no contexto escolar e de inclusão do aluno no mundo através da leitura

Resultados e Discussão

Nas últimas décadas assiste-se a um esforço do Estado no desenvolvimento de políticas públicas na área de educação, com o objetivo de promover à formação de leitores competentes. Por outro lado, identifica-se que o hábito de leitura ainda necessita ser desenvolvido e aperfeiçoado. A situação sempre foi preocupação entre pesquisadores e profissionais envolvidos e comprometidos com a educação, já que o baixo índice de leitura no país pode ser um dos fatores que restringe as possibilidades de transformação social. A propósito disso, Demo (2006) observa que “uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar e saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler”.

As crianças, desde o seu nascimento, habitam em uma sociedade cuja cultura dominante é letrada. Por isso, logo muito cedo vão construindo conhecimentos prévios em relação ao sistema de representação e ao significado da leitura e da escrita, aprendendo, inclusive, a valorizar o “saber ler”. Sabe-se que a presença e a qualidade da leitura não se encerram no erudito e no escolar. A aprendizagem da língua materna é um processo constante, que não admite interrupção e que não se encerra com a aquisição da língua oral e escrita. Apesar disso, para a escola e, mais especificamente, nas séries iniciais, ler quase sempre significou apenas conhecer e reproduzir as relações entre som e grafia. Dessa forma, a grande preocupação dos professores se traduzia na cobrança por uma leitura adequada esboçada por meio da pronúncia correta e boa entonação, sem focar na efetiva compreensão.

Neste contexto, verifica-se que apesar de muitos estudos no campo da leitura, ainda hoje é concebida por alguns como um código de decifração de letras, e esta concepção faz com que os professores não se debrucem de forma consistente sobre o ensino desta competência, limitando assim que ela seja entendida como um ato de significação dificultando deste modo aos estudantes uma leitura responsiva. Problematizando tal questão Lajolo (1993) nos diz que

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir de outro, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura, ou revela-se contra ela, propondo outra não prevista.

Neste sentido, ler não é adivinhar nem decifrar significados, e sim atribuí-los aquilo que se ler. Ler é ter uma hipótese inicial de significação do que se ler. É por isso que diferentes leitores podem atribuir significados diversos para um mesmo texto que estejam lendo, inclusive devido às aprendizagens anteriores e elementos de intertextualidade. É de suma

importância desenvolver em nós profissionais da educação uma cultura leitora, pois só assim seremos aprendizes, leitores e fomentadores de novos leitores.

Numa acepção interacionista “o ato de ler envolve tanto a informação impressa na página quanto a informação que o leitor traz para o texto” (LOPES, 2001). Nesta concepção a leitura não se realiza somente no texto e nem no leitor, na realidade o processo de significação de um texto perpassa pela interação, ou seja, pelo intercâmbio mútuo dos conhecimentos do leitor, do autor e do texto.

Orlandi (2001) amplia o modelo interativo ao conceber a leitura como um processo discursivo que vai muito mais além do fato de compreender um texto, porque o ato de ler, para esta autora, implica num processo de construção de sentidos além de um posicionamento crítico do sujeito. Dessa forma, o leitor ao interagir com o texto e com o autor com o intuito de atingir um processo de significação por meio da leitura é capaz de realizar uma atividade dialógica, cooperativa e que envolve atitudes responsivas ativas, ao interrelacionar o leitor, o escritor e o texto, no processo de construção de sentidos. Nesse contexto, o homem começa a compreender a cultura que cria e o condicionamento que essa cultura exerce sobre ele. Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão.

Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar (FREIRE, 2001). Assim, inserir o diálogo no ensino de língua materna equivale a assumir a prática da leitura numa perspectiva discursiva, isto é, num processo complexo de atribuição de sentidos que se distancia da decifração de códigos linguísticos ou do reconhecimento de parágrafos do texto, eliminando a linearidade e investindo na verticalização do processo de construção da leitura.

Embora na vida prática a leitura seja instrumento que cumpre diferentes propósitos, na escola ela aparece, em geral, através do exercício da voz, com a correção sendo feita passo a passo pelo professor sem permitir que o próprio aluno perceba o que lê e se faz sentido ou não. Além disso, na escola, os textos utilizados muitas vezes são textos artificializados e impostos ao aluno. Sobre isso, Solé (1998) diz que “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar”, em outras palavras, o ensino do código é importante para o aprendizado da leitura, mas este deve ser realizado em contextos significativos e não em situações isoladas e descontextualizadas.

Na perspectiva tradicional de ensino, o professor tem a função de transmitir o conhecimento de modo unilateral, desconsiderando as concepções iniciais que o aluno constrói nas situações sociais de leitura, isto é, também no contexto extraclasse. Segundo Ferreira (2005), o ensino da leitura e da escrita tem uma origem técnica focado no traçado e na oralidade. Posterior ao seu domínio surgem a leitura expressiva e a escrita eficaz.

Para Cagliari (2002), nesta visão de leitura, cujo objetivo é “aprender a ler” e que é seguida de diversas explicações, a exemplo de como se juntam aspectos fonéticos e semânticos para se produzir a leitura, o ato de ler perde seu significado e passa a ser simplesmente um “procedimento de ensino”. Assim sendo, o professor contribui para o entendimento, por parte do aluno, de que as estratégias utilizadas no procedimento de ensino são as únicas maneiras de se fazer a leitura de qualquer texto em qualquer circunstância. Para Antunes (2003), atividade de leitura deve estar voltada para a interação verbal e não somente para a decodificação.

Nesse diálogo, o sujeito se constitui como tal por meio da linguagem, sendo esta um ato pelo qual se concretiza a relação com o outro. Dessa forma, toda manifestação de linguagem é resultante do processo dialógico, no qual a constituição do sujeito se dá pela relação com o outro, isto é, com o dizer do outro, com suas leituras. Diante do exposto, assumimos que ler não é adivinhar nem decifrar significados, e sim atribuí-los aquilo que se ler. Nesta perspectiva, os significados se constroem na interação entre sujeitos (leitor e autor), mediados pelo texto em uma relação dialógica, na qual os sentidos se constroem no jogo de perguntas e respostas que se estabelece no processo de compreensão. Nesse contexto, “o sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio” (BAKHTIN, 2003).

De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais os alunos precisam ser mobilizados internamente para aprenderem a ler, demonstrando que a leitura é algo interessante e desafiador. Sua conquista dará a eles autonomia e independência. Precisarão de estímulo para se sentirem confiantes e para serem desafiados (BRASIL, 1997). Tais mecanismos podem com facilidade provocar a mera reprodução de vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno. Portanto, parece imprescindível rever estas práticas e transformá-las, redefinindo o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula (FREIRE, 2006).

Acredita-se que o ensino eficiente de leitura na escola pressupõe o trabalho com uma diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura mais

próximas ao educando, ao meio que o cerca, para que daí este possa ir ampliando os seus horizontes. Desde os anos iniciais é importante o educador proporcionar aos educandos o contato com a leitura por meio de materiais diversos, estimulando desde cedo à curiosidade, despertando a imaginação, promovendo o contato com várias situações que introduzam os alunos no universo da leitura.

É importante salientar que o ato de ler envolve todos os sentidos, possibilitando ao professor utilizá-los como estratégias para atrair a atenção e despertar o gosto pela leitura. Assim, é importante que o educador trabalhar nos educandos a vontade de estar em contato com os livros, despertando o gosto pela leitura, isso deve acontecer desde a mais tenra idade, objetivando o alcance de um leitor proficiente e consciente da importância do ato de ler.

Para que a educação possa transformar mundo é necessário que ela propicie um lugar significativo ao homem, como exercício dialético de libertação (SILVA, 2005). Sob esse prisma, todo ser humano pode ser ajudado pela leitura, progredindo ao seu modo e ampliando sua capacidade crítica de selecioná-la para o seu desenvolvimento pessoal, intelectual e social. Acerca dessa condição, afirma Solé (1998), que ler é uma “uma atividade voluntária e prazerosa” que deve ser levada em conta pelo professor, e que “crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler”.

De acordo com Antunes (2003), outro requisito importante para que os alunos despertem para o prazer de ler é que a escola ofereça uma variedade de livros e materiais de leitura e que essa prática seja comum em todas as disciplinas. Materiais de leitura incluem jornais, revistas, cartazes, folhetos e uma enorme variedade de outros tipos de textos.

Nesta perspectiva, os alunos devem ver na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de lhes dar autonomia e independência. Quando se questiona o compromisso da escola de introduzir leitores no universo dos livros, não se consegue entender que ela possa conduzi-los numa perspectiva que não seja crítica. Questões como o que ler, onde ler, para que, para quem e com quem ler devem ser conduzidas com lucidez a fim de que o processo da leitura se desenvolva de forma rica e coerente.

A leitura é uma das atividades fundamentais a serem desenvolvidas pela escola na formação do educando. Logo, em todas as atividades realizadas dentro da escola, em especial no processo de desenvolvimento da leitura, é de fundamental importância levar em conta as características do seu corpo discente, considerando faixa etária, interesses, dificuldades, entre outros aspectos; procurando criar, sobretudo, um ambiente propício à aprendizagem, com intuito de aperfeiçoar as ações educativas.

Nesse contexto professor é, antes de tudo, um agente apto a criar oportunidades para o seu crescimento e o de outros. Segundo Kleiman (2001), “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”. Sendo assim, a formação do gosto literário nos alunos representa uma tarefa importante para o educador, e, para que se obtenha esse objetivo com êxito, é indispensável que o próprio professor tenha essa atividade como hábito constante.

Nesse sentido, o papel do professor é o de mediador: ele deve criar situações diversificadas, ricas e prazerosas de acesso à leitura, servindo ao aluno como orientador, sendo mesmo um suporte de sua aprendizagem, que deve ser retirado paulatinamente, à medida que o sujeito vá conquistando sua independência, enquanto usuário da língua escrita. Diante disso, faz-se necessário que o educador esteja preparado, atualizado e tenha prazer de exercer a sua profissão.

É válido ressaltar que o professor poderá inovar suas práticas, poderá transformar ou adequar as atividades de leitura propostas pelo livro didático, proporcionar condições para que o aluno leia, ouvindo-o e sendo ouvido, questionando e sendo questionado. Juntos (professor e aluno) terão condições de refletir, buscar, ensinar e aprender, enfim, interagir.

Campos (2003) expõe que o papel do professor configura-se mesmo como o de mediador entre o sujeito aprendiz e o objeto do conhecimento, no caso a leitura. Deve, pois, desenvolver oportunidades que permitam ao aluno construir sua interpretação e interação com o texto, sem que ele, de forma imediata e pré-concebida, faça intervenções. Dessa forma, transformar a sala de aula num espaço interativo requer que professor e aluno atuem como sujeitos participantes do processo de produção do conhecimento, através de estratégias bem fundamentadas e capazes de tornar significativo processo de leitura.

É preciso que se ensine a ler, de outro modo os alunos não aprendem, de modo contextualizado e não unidirecional, nem através de fórmulas prontas (SOLÉ, 1998). Isto implica dizer que conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber utilizá-las. Conhecê-las não é o suficiente. A criança precisa saber mobilizá-las e utilizá-las em face da variedade de situações de leitura.

O ensino de estratégias de leitura deve se basear em três ideias básicas: a situação educativa é um processo compartilhado, no qual aluno e professor são indispensáveis; o professor deve ocupar o lugar de um guia, de um facilitador; o ensino deve ser desafiador, provocando o aluno a atingir níveis mais altos de conhecimento e autonomia (SOLÉ, 1998).

Levando em conta o grau de independência do aluno para a tarefa, o professor pode selecionar, ainda, situações didáticas adequadas que permitam ao aluno, ora exercitar-se na

leitura de texto para as quais já tenha construído uma competência, ora empenhar-se no desenvolvimento de novas estratégias para poder ler textos menos familiares, o que demandará maior interferência do professor.

O professor deve ativar o conhecimento prévio dos alunos, ensinando-os a fazer perguntas sobre o texto, para aumentar as inferências necessárias para atingir seu objetivo. Elaborar hipóteses e fazer previsões sobre o texto a ser lido é fundamental nesse sentido. A participação do aluno é sempre peça-chave no processo. A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para a aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura.

O ato de ler requer sempre inovações; por isso, cabe à escola esclarecer sua proposta pedagógica, mobilizar seus professores, envolver as famílias e desenvolver estratégias específicas, para estimular em seus alunos, essa prática, incentivando-os à descoberta, à aprendizagem, deixando de lado as técnicas enfadonhas e repetitivas de leitura que tantas vezes geram o desinteresse.

Considerações Finais

Mais do que ensinar a ler e mais até do que fomentar o hábito de leitura, a escola precisa desenvolver o gosto dos alunos, oportunizando momentos em que se vivencie a leitura com e por prazer. Eles devem ser desafiados pela e para a descoberta, a tirarem suas conclusões mediante estímulo metodologicamente estruturado e humanamente guiado pelo professor.

Para que se alcance o resultado que se deseja, professor e a escola precisam ver na leitura um contínuo de atividades intra e extra sala de aula, um trabalho técnico e criativo capaz de desenvolver habilidades cognitivas, motoras e interpretativas para a mudança no processo de ensino e de aprendizagem, não obstante na compreensão e inclusão no/do mundo. Esse deve ser um trabalho dinâmico e criativo, no qual o professor exerça o papel de mediador, e o aluno, buscando alcançar sua autonomia, tenha uma postura ativa na construção do saber desafiador e no gosto comprometido e reflexivo da leitura. Logo, a ideia de inclusão engloba as condições pelas quais os alunos são levados a reconhecerem seus potenciais e a desenvolverem sua identidade interpretativa, cujo exercício cidadão possa expressar sua inclusão no mundo da leitura, tão necessário a sua transformação e a seu lugar no mundo.

Assim, a prática da leitura na escola precisa se assemelhar a prática da leitura fora da escola. As crianças precisam saber que se lê por diferentes razões e que não se lê todos os textos da mesma forma, porque cada texto tem sua linguagem própria, a mesma deve ser incentivada e estimulada a fazer as leituras do mundo que a cerca, pois essa leitura se faz necessária tanto ao seu crescimento pessoal, como a aquisição de sua formação leitora. A vida cotidiana de uma criança é o ponto de partida e de chegada do processo de construção do conhecimento, desde as formas mais simples de criação e exploração, até as formas mais elaboradas do conhecimento.

Referências

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, L. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- CAMPOS, M. I. B. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'água, 2003.
- DEMO, P. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FERREIRO, E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época).
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido 30 anos depois. In: FREIRE, A. A. F. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.
- KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. 3 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.
- SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SNOW, C. (Org.). **Reading for understanding: toward a research and development program in reading comprehension**. Santa Monica: Rand Education: 2002.

Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 8ª Edição - Vol. 08 - Ano: 2017. No seguinte endereço: <http://coopex.fiponline.edu.br/artigos>

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.